

**V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação**

**23 a 25 de julho de 2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**MOVIMENTO DE OCUPAÇÕES: POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E  
FOMENTAÇÃO DO SENSO CRÍTICO ESCOLAR ATRAVÉS DO PIBID**

**GT 11:O PIBID e a formação Docente em Ciências Sociais: Limites e  
Possibilidades**

**ELORA PEREIRA MARTINS  
KELLY CIPRIANO SOUSA BRANDÃO  
PAMELA DE FATIMA SOARES CAETANO**

**UBERLÂNDIA  
2016**

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2014 o PIBID Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia atua na Escola Estadual do Parque São Jorge (EEPSJ), buscando atender as demandas escolares e levar novas experiências aos estudantes do Ensino Médio. Contudo, no ano de 2016, a brusca reviravolta do cenário político, aliado às políticas de suspensão ou não do programa PIBID, colocou no limbo as mais diversas atividades programadas. A isso tudo, somou-se o momento de ocupação estudantil promovido pelos alunos secundaristas de Uberlândia e a Escola Estadual do Parque São Jorge não ficou de fora.

Dada essa conjuntura, a decisão dos membros do programa foi a de suspender algumas das atividades programadas para o segundo semestre de 2016 e elaborar um relato sobre a ocupação estudantil que se deu na EEPSJ. Isto posto, buscando compreender essa realidade, nos valem de alguns métodos de pesquisa para recuperação de dados. Para o resgate histórico e a percepção docente do assunto, nos valem do trabalho de campo, de uma observação participante tão cara à experiência antropológica e etnográfica (MALINOWSKI, 1976). Todavia, quanto ao trabalho de campo, há de se destacar que ele não foi sistematizado. Houve participação em momentos esporádicos e restritos (SILVA, 2009) mas ainda assim suficiente para uma significação e interpretação por parte dos investigadores (GEERTZ, 1978).

Para trazer a experiência discente, nos valem da entrevista como ferramenta, realizada com dois públicos diferentes. Uma coletiva, no estilo de bate-papo e outra individual, com um estudante-chave que encabeçou e se colocou à frente do movimento de ocupação da escola. Uma das formas de fazer um balanço da ocupação foi entrevistar indivíduos-chave vinculados à mobilização estudantil que aconteceu na escola. Esses indivíduos se destacam, em grosso modo, por serem reconhecidos entre os alunos, como os que apresentam um poder carismático, por reconhecimento moral, biografia de destaque ou outro elemento que o diferencia ante os demais membros do grupo. (BARRETO, 2011)

Sendo os indivíduos portadores de projetos muito particulares, com suas próprias premissas e paradigmas (VELHO, 2003:46), esses indivíduos que se

colocam como líderes, que se lançam à frente de causas coletivas, possuem papel fundamental para a compreensão da realidade estudada posto que nas sociedades em que o individualismo é predominante, tais como nos centros urbanos, a noção de trajetória passam a ter um significado crucial como fenômeno constituinte daquela sociedade (VELHO, 2003:100).

Delineada assim a aproximação com o objeto, inicia-se um resgate histórico do ocorrido.

## 2. O HISTÓRICO

As ocupações na EEPSJ não podem ser desvinculadas do contexto sócio histórico cultural. A necessidade de mobilização e luta frente às mudanças políticas que abalaram o Brasil em 2016 foi uma crescente e a área da educação não sofreu menos. Após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, algumas propostas austeras tomaram o cenário brasileiro, sendo o atual Projeto de lei 55 (BRASIL, 2016a), que promove uma austeridade fiscal nos gastos sociais e a MP 746 (BRASIL, 2016b), que propõe uma reforma no Ensino Médio retirando a obrigatoriedade, inclusive, de disciplinas como Sociologia e Filosofia.

Assim, mediante os levantes que tiveram início no estado do Paraná e se alastraram por todo o país, os estudantes da Escola Estadual do Parque São Jorge iniciaram sua mobilização, inicialmente pelo grêmio estudantil, para chamar assembleia e deliberar sobre a ocupação ou não.

Até aquele momento, estimava-se que haviam seis ou sete escolas já ocupadas em Uberlândia. Todavia, dada a pressa e até inexperiência, a assembleia não pôde ser convocada nos três turnos de forma igual, o que no futuro acarretaria sérios problemas para o movimento estudantil na escola.

Os estudantes fizeram sua primeira assembleia no dia 19/10/2016 no período da manhã e, concomitantemente, notou-se a forte tentativa de atrapalhar a assembleia estudantil. Sob ordens da direção, os funcionários começaram a mover cadeiras que estava entulhadas no pátio, fazendo muito barulho e atrapalhando os

momentos de fala dos estudantes que, mesmo com caixa de fone e microfone, tiveram dificuldades de expor e falar a todos.

Convém apontar que o próprio microfone não estava em perfeitas condições, falhando bastante. Porém, por maioria simples e absoluta, os estudantes do turno da manhã deliberaram que iniciaram a ocupação na sexta-feira (21/10/2016). Todavia, os turnos da tarde e da noite não haviam sido convocados para a assembleia, cabendo assim adotar outras estratégias para avisar tais estudantes. No período da tarde não foi feita uma Assembleia, mas foi emitido um comunicado que o movimento estudantil estava ocupando a escola e que não era conveniente para os pais mandarem os estudantes do ensino fundamental para a escola com o intuito de aulas regulares. Para o noturno, foi chamada uma assembleia na sexta feira para explicar e tirar o posicionamento do noturno.

Na sexta feira, antes mesmo de entrar na escola, os estudantes do período noturno já estavam em alvoroço do lado de fora, muitos revoltados. Sua revolta, como ficou claro pelas conversas realizadas após a ocupação, se deu muito mais por não terem sido consultados sobre ocupação e não terem sido chamados para participar do movimento, do que o fato da escola estar ocupada e não haver aulas regulares propriamente ditas. Isso gerou um desafeto e uma cisão entre os turnos da manhã e da noite, mas seguindo os ritos da assembleia, foi feita a votação e o número de pessoas contrárias à noite não superou o número de alunos favoráveis à ocupação, deliberando-se portanto, pela ocupação da EEPSJ.

Enquanto os estudantes tentaram se mobilizar e se organizar numa experiência singular e inovadora, um momento e movimento do qual nunca tiveram a experiência do protagonismo, o corpo docente e administrativo também se movimentava. Ou seja, desenhava-se ali dois universos, ou melhor, mosaicos que buscavam se encaixar na nova situação: o corpo docente-administrativo e o corpo discente.

### 3. A PERSPECTIVA DOS ALUNOS

Para compreender o universo discente, lançamo-nos a entrevistar alunos do período noturno e também fazer o resgate da ocupação por parte de um dos líderes da ocupação.

Segue o bate papo, transcrito, com os alunos do segundo ano noturno da EEPSJ. Basicamente, formulamos perguntas que pudessem dar respostas mais rápidas pois sabíamos que o tema era controverso dado o conflito que se instaurou entre alunos do diurno e noturno no tocante à ocupação.

Questão: Vocês sabem o que é a PEC 241/55 e a MP 746 e como elas impactam a vida dos brasileiros?

R: “A PEC 241 é uma reforma estudantil do ensino médio que o Michel Temer pretende colocar para o próximo ano. Só que vai prejudicar muitos alunos, porque as faculdades, o ensino médio, vão ser “tudo” obrigatório e, daí, vai dificultar a vida de muitas pessoas, porque ninguém vai poder trabalhar, nem estudar.

Quem escolher trabalhar não vai estudar. Quem escolher estudar não vai poder trabalhar. Ele quer uma “forma” que os estudantes fiquem realmente burros e acham que a população vai deixar assim, do jeito que eles querem, vai ficar calada, esperando eles colocarem, sem nenhuma reação. Só que, eles estão muito enganados, principalmente, porque ele quer tirar a Sociologia, Filosofia, que são as matérias que mais fazem a gente pensar. Isso eu acho errado.”.

Questão: Quanto à ocupação estudantil que ocorreu na escola: Vocês eram a favor ou contra?

(Inicialmente realizamos uma votação em sala. Dos alunos presentes, dois afirmaram ser a favor ao movimento de ocupação, sete posicionaram-se contra e um absteve-se da decisão.)

R1: “Nesse meio tempo, ninguém estudou nada. Falam que tiveram aulões, teve isso, teve aquilo. Mas, ninguém veio.”.

R2: “O noturno o único turno que não foi avisado dessa ocupação. A gente foi avisado, assim, às pressas. Eu mesma, fiquei sabendo no dia que cheguei aqui e aí tinha uma movimentação estranha do lado de fora. Eu entrei e fiquei um pouquinho, depois fui embora. Ai que fiquei sabendo o que era, fui pesquisar pra saber o que

era pra entender o que tava acontecendo. Igual uma professora nossa tava falando: Pra ocorrer uma ocupação, todos os alunos têm que estar sabendo disso. Todos, sem exceção.”.

Perguntamos a eles, se acham que houve essa falta de diálogo entre os turnos:

R4: “Pelo que eu fiquei sabendo, tem que ter uma votação, não é? Pra poder ter a ocupação. Se a maioria for a favor ela acontece na escola. Se a maioria não for a favor ela não pode acontecer ali, naquela escola. Pode ocorrer em outras, mas naquela escola que não foi à maioria, não ocorre. E no caso do noturno, assim, pelo menos a nossa sala aqui, não ficou sabendo de nada.”

R5: “Eu sou a favor, porque nós alunos, por mais que o erro tenha sido não divulgar para os outros turnos, só houve isso de não ter o diálogo com as outras turmas. Isso eu achei errado. Mas, eu acho que a ocupação foi uma forma de protestar, se o povo faz manifestação, essas coisas, também é outra forma. Mas, eles pensaram de outra forma. Ocupando a escola ia ter uma nova possibilidade de ter uma educação melhor. Nós temos que lutar pelo que achamos que vai ser melhor para nós. Não é pelo simples fato que algumas pessoas vão concordar e outras não. A gente tem que lutar pelo que acha que é o melhor. Se eles concordaram que a ocupação ia ser melhor, tudo bem. Eu concordo. É uma forma de protestar, é uma forma de manifestação. A gente tem que lutar com a arma que a gente tem. Se a gente tem a voz, se a gente tem o diálogo com os professores, se os professores vieram dar aula, tudo bem. Aula teve aqui, não teve como era sempre, no bimestre, a semana toda. Mas, que teve aula teve, porque eu participei do grupo no Facebook, na página. Eu vi o Felipe e vi muitos outros professores dando aula. E eu acho que isso é uma forma de protesto. A gente tem que lutar pelo que é melhor para a gente. Se não houver educação, como que vai ter alguma coisa nesse país? Se nem educação o governo tá dando, imagina saúde. E aí, como que acontece?”.

Falas a respeito do trabalho da mídia sobre o movimento:

R1: “Eu acho que (a responsabilidade pela falta de divulgação nos meios de comunicação) é dos dois lados. Dos responsáveis por fazerem a ocupação de não terem corrido atrás disso e das mídias por não terem se importado, entendeu? Eu acho que, se as mídias tivessem se importado... Apesar de que teve “importação” na mídia sim, só que foi falando mal e tudo mais. Então, no nosso ponto de vista, não foi algo, assim, benéfico.”.

R2: “Mas, a forma de divulgação, se é contra o governo, eles (mídia) nunca vão divulgar. Como que é contra o governo e eles vão divulgar?”.

R3: “Eles não vão divulgar aquilo que prejudica a si mesmos.”.

Questão: Quanto à família de vocês: Qual é o posicionamento dela em relação às ocupações?

R: “A minha é contra e eu não posso nem dizer que é pura ignorância. Na minha casa as pessoas são bem informadas, meu pai, principalmente, procura, corre atrás, se informa.”.

Questão: Qual a melhor forma para se lutar contra as medidas do governo?

R1: “O governo Lula praticamente foi pra investir na educação, só que como acabou, ele queria que a Dilma continuasse. Enquanto ela tava investindo na educação, muitos acharam ruim, porque ficou saúde pra trás, transporte. Ai resolveram tirar ela. Eu acho que a única maneira seria voltar esse governo pra investir na educação.”

R2: “Uma nova eleição para presidente. Porque esse ano ocorreu eleição para prefeito e vereadores e você ver que as pessoas foram muito mais, assim, rígidas na hora de votar. Elas escolheram mais, grande parte das pessoas anularam seus votos ou então não votaram. Então, assim, esse ano a eleição foi bem acirrada. Se ocorresse uma nova eleição para presidente, os eleitores poderiam avaliar melhor as propostas. Porque quando a Dilma – não vou falar que eu sou contra o mandato

dela – mas, quando foi pra ela se candidatar, ela não falou que ia aumentar a conta de luz. Ela não falou daquele rombo na Petrobrás. Só depois que ela foi eleita que começou a estourar tudo. Isso no segundo mandato, então, quer dizer que ela já sabia.”

Questão: Quanto a não obrigatoriedade do ensino de Sociologia nas escolas: Qual é a opinião de vocês?

R: “Sociologia é uma matéria que faz a gente pensar. Faz a gente criticar as coisas que tão na sociedade. Então, o governo quer tirar porque é uma maneira da gente ir contra certas coisas que acontecem no governo. (...) Eles querem tirar para ficar mais fácil de (nos) manipular.”.

O que se percebe pelas falas dos estudantes do segundo ano é que boa parte deles, participando ou não da ocupação, também se opõem às medidas de teto de gastos primários e reformulação do ensino médio. Contudo, foram contrários ao movimento, alegando falha na comunicação entre os turnos da escola e falta de espaço para que participassem da assembleia que decidiu pela ocupação da escola.

Para expandir e comprar a perspectiva discente do período noturno, também indagamos os alunos do terceiro ano do Ensino Médio:

Questão: Vocês sabem o que é a PEC 241-55 e a MP 746 e como elas impactam a vida dos brasileiros?

R1: “Ninguém sabe o que é não.”.

R2: “A mídia não fala o que é e nós não tivemos reunião com o pessoal aqui que ocupou pra saber o que era.”.

Questão: Quanto à ocupação estudantil que ocorreu na escola: Vocês eram a favor ou contra?



Novamente realizamos uma votação com os presentes, contando com quatro alunos posicionando-se a favor do movimento de ocupação, vinte e dois contrários e um abstendo-se da decisão.

R1: “A ocupação aqui na escola não foi justa, porque aqui não foi uma ocupação. Foi uma invasão. Que eu saiba, ocupação é quando todo mundo vota e, no caso, a gente não votou. Quem ficou sabendo veio, foram doze pessoas do noturno.”.

R4: “Eu sou a favor do movimento, eu não sou a favor da ocupação dentro da escola. Porque, querendo ou não, prejudica a nós, pobres. Aqui é um espaço público. Eu preciso terminar os estudos esse ano pra que eu possa fazer um concurso ano que vem. Só os pobres tão se movimentando. Tinha que mexer é lá, no bolso dos ricos, ter uma forma de parar os bancos. Banco mexe com dinheiro. Ai sim o governo ia ver.”.

Questão: Quanto à família de vocês: Qual é o posicionamento dela em relação às ocupações?

R1: “Ninguém aqui é contra a manifestação. Todo mundo é livre pra manifestar, ninguém é obrigado a concordar com nada. Só que o seu direito vai até onde o meu começa. Tiraram o meu direito de estudar, tiraram o meu direito de terminar o ano letivo dia 12. Me tiraram muitos direitos. Então, cadê a igualdade? A democracia?”

R2: “A minha mãe é contra por causa do que viu na televisão. Que tava tendo orgia, as meninas fugindo de casa e vindo parar na escola. E porque a ocupação tava atrapalhando a filha dela se formar na escola.”.

Questão: Qual a melhor forma para se lutar contra as medidas do governo?

R: “A jeito mais fácil é votar com consciência. Pronto. Só.”.

Questão: Quanto a não obrigatoriedade do ensino de Sociologia nas escolas: Qual é a opinião de vocês?

R: “Sociologia é uma forma de nos capacitar, para sabermos mais sobre política. Se a gente não sabe sobre política, a gente é analfabeto e governo faz com a gente o que quiser.”

Assim, tal como os alunos do segundo ano, os alunos do terceiro ano afirmam que não houve diálogo entre os alunos do matutino (que estavam à frente do movimento) com os do noturno. Um aluno entrevistado questionou a legitimidade da votação realizada em assembleia, pois, segundo ele, esta deveria ser feita pelos responsáveis maiores de idade dos alunos. Criticam também o fato de a maioria dos “aulões” terem sido realizados no período da manhã, impossibilitando a participação dos alunos que trabalham.

Partimos, em seguida, para a entrevista com um dos estudantes líderes da ocupação. Para fins de relativo anonimato, resguardando sobretudo a pessoa de direito dos entrevistados, realizamos a mudança dos nomes posto que são estudantes secundaristas e menores de idade. Todavia, suas falas não guardam nenhuma característica que fira direitos, moral ou pessoas.

A entrevista foi realizada com o aluno Rodolfo. Apesar de não pertencer ao grêmio estudantil, Rodolfo colabora e está constantemente junto às atividades. Ele foi um dos estudantes que encabeçou a ocupação na EEPSJ e que, inclusive, levou a família para dentro da escola para compreender a situação, posto que inicialmente seu pai era contra. Trabalhador, Rodolfo alternava entre passar a manhã e noite na escola enquanto trabalhava no serviço à tarde.

Ao primeiro dia do mês de dezembro de 2016, realizou-se a entrevista conjunto o aluno Rodolfo. Inicialmente, perguntou-se qual a visão e opinião dele sobre a ocupação. Qual balanço poderia ser feito desde o início até o término das duas semanas em que os estudantes ocuparam a escola. Segundo ele:

Tudo começou na câmara municipal de Uberlândia, onde as escolas se reuniram pra saber o que está acontecendo no Brasil hoje. Chegou-se à conclusão que parando a

escola chamaríamos a atenção do governo. Depois de uma votação [entre os alunos da escola] e da ocupação, aumentou-se o número de votos e pessoas contra a PEC. Então aqui foi muito tranquilo. Aqui na EEPSJ o pessoal sempre foi bastante unido durante toda a ocupação. Teve atividade física, culturais, aulas... não ficamos parados. Tínhamos cronogramas todo dia, acordávamos sete da manhã até dez da noite, carga horária certa da escola. Abrimos salas de fundamental, reuniões, etc. sempre com debates sobre a ocupação e sobre o que está acontecendo com o governo. (Rodolfo, 17 anos. 01/12/2016)

Em seguida, indagamos sobre o que ele esperava da ocupação.

A gente veio pensando no que pode acontecer no Brasil e buscamos falar para os alunos o que pode influenciar no Brasil. E tem a MP [746] que também impacta diretamente na escola. Eu sou contra tirar a sociologia, porque é por causa dela que eu fico sabendo das coisas. Porque eu vou ficar sem filosofia se os mais inteligentes do passado eram filósofos? Porque eu vou ficar sem educação física, se eu posso e uso ela dentro e fora da escola também? Queríamos acordar o governo contra isso. Foi uma ocupação muito bem feita e realizado. Temos tudo em relatório. (Rodolfo, 17 anos. 01/12/2016)

(...)

Antes da ocupação tivemos assembleia [geral com os estudantes] e entramos em contato (eu e o Astolfo) com o professor da UFU, o Gabriel Pallafox e recebemos orientações. Inclusive, foi bem tranquilo manter a ocupação pois ganhamos cesta básica, vários mantimentos e outras coisas. Mas quando a gente entrou na ocupação tínhamos pouco apoiadores, poucos professores apoiaram de imediato. Mas com o passar do tempo houve uma adesão, porque depois de um tempo nem precisávamos mais chamar professores de fora, já os próprios professores da escola estavam dando aulas, fazendo atividades e outras coisas.

Por fim, perguntou-se ao Rodolfo que se pudesse pedir algo dos nossos governantes, o que ele pediria.

Eu pediria que parasse com esse mundo de hipocrisia de querer ser maior que o outro, de ter essa visão ruim do pobre. O governo quer o rico, fazer o rico ficar mais rico e o pobre ficar mais pobre. Eu não tenho esse prazer de conhecer um governo, de falar bem do governo. Estão tirando muito presidentes, entrando em impeachment muito rápido, eu tenho um desprazer de ver essa desordenância de tirar presidente. Infelizmente é um momento em que eu nunca vou me orgulhar. Então, se eu pudesse pedir, seria que me dessem orgulho de verdade.

Assim foram expostas duas visões contraditórias e convergentes dentro da parte discente. Porém não só de alunos é feita a instituição. Há outro elemento primordial que, mesmo não sendo protagonista nos eventos, foi de suma importância para o desenvolvimento das partes boas e ruins que tocaram a ocupação estudantil: o corpo docente-administrativo.

#### 4. A PERSPECTIVA DOS DOCENTES – ALIENAÇÃO DE CLASSE

Ao passo que a ocupação acontecia, os professores adotavam posturas diferenciadas frente ao fenômeno. Alguns eram a favor do movimento, outros totalmente contra e alguns adotaram discursos egocentrados. A questão docente se estabeleceu no quarto dia de ocupação. A diretora havia chamado os professores para uma reunião com o intuito de realizar um planejamento da ocupação, posto que também era uma situação nova para a equipe administrativa. Em sua fala, e com a anuência majoritária dos professores, chegou-se à conclusão de que para não ocorrer baderna com a ocupação a equipe docente iria prestar auxílio aos estudantes com aulas, seminários, oficinas e demais atividades, de acordo com a demanda dos alunos.

O grupo de professores a favor, composto majoritariamente pelos professores mais jovens ou recém concursados, apresentavam discursos mais enfáticos e positivos sobre os estudantes. Alguns professores mais progressistas e com um tempo maior “de casa” também firmaram apoio aos estudantes e, nesse grupo, inclui-se também professores com atuação política e vínculos partidários. A maioria

dos professores, nesse grupo, contribuiu com aulas, seminários, network para recepção de mantimentos e infraestrutura para a ocupação.

Na categoria dos professores “contra” estavam aqueles que argumentam que esse tipo de movimento não barraria a PEC e a MP, sobretudo por argumentarem que a escola não é local para ação política daquele tipo e sim um espaço de estudo e aprendizado. Que isso atrapalharia outros estudantes, sobretudo os de terceiro ano que iriam prestar o ENEM, e que afirmavam que os estudantes estavam sendo massa de manobras de partidos ou entidades extraescolares.

Todavia, a ocupação seguiu com suas atividades e percalços até chegar nos momentos finais. Nos dias finais de ocupação, a situação docente ficou mais complicada. Na quinta-feira, dia 03-11, a diretora chamou reunião na sala dos professores e, em seguida, dois policiais militares armados entraram na sala, se postaram atrás da diretora e esta acabou por hostilizar a ocupação, alegando que os alunos estavam sendo massa de manobra de terceiros que não pertencem à comunidade escolar. Inclusive, a própria diretora, em tom enérgico, alegou que não permitiria terceiros no ambiente escolar, reafirmando as ameaças do promotor Dr. Jadir sobre responsabilização de pais dos alunos menores, alunos maiores e professores que apoiavam o movimento.

Após essa situação tensa na quinta-feira, já na sexta pela manhã a diretora havia convocado alguns pais de alunos, inspetora e representante do conselho tutelar. De portas fechadas, poucos sabiam o teor da reunião, mas especulava-se que era para dar continuidade à tentativa de desocupação da escola. Mas esse movimento da direção foi, a grosso modo, um “tiro no pé”. Muitos professores já haviam conversado com os líderes da ocupação, informando a situação. No dia 03/11/16, quinta-feira à noite, os estudantes fizeram uma reunião e optaram por desocupar. Muito mais que uma desistência, poucos perceberam que essa ação dos estudantes foi para defender os professores que os auxiliaram na ocupação (e que estavam sendo ameaçados e perseguidos) quanto para mudar as estratégias de luta, posto que já havia um esvaziamento do movimento. Na sexta-feira, 04/11/16, enquanto a direção realizava a reunião com pais, conselho tutelar e inspetora, os

meninos da ocupação pediram licença para entrar na sala dos professores pois tinham algo importante para falar.

Com um pesar no tom de voz, os alunos informaram aos professores que estavam desocupando, expuseram seus motivos e razões, bem como fizeram uma análise da atual situação. Foi um momento marcante pois muitos professores defenderam os meninos, prestando solidariedade, abraçando-os como forma de suporte e auxiliando-os a gerenciarem os sentimentos, sobretudo as lágrimas.

Por fim, os estudantes anunciaram que iriam organizar a escola no final de semana, deixando tudo preparado e entregar na segunda. Convidaram também para que todos os professores e serviços gerais, participassem do movimento de entrega na segunda feira, fazendo um “grande abraço”, tentando abraçar a escola. Muitos professores concordaram e na segunda feira, no primeiro horário, foi feito um grande cordão e diversas falas.

## 5. CONSIDERAÇÕES

O que se aponta é a multiplicidade de interpretações e eventos simultâneos que ocorreram nas mais diversas esferas vinculadas ao movimento. Do lado estudantil observamos alunos muito mais descontentes com a ocupação por uma questão de incompatibilidade de horários na tomada de decisões, do que, de fato, ser contra a pauta colocada pelo movimento estudantil, devido às assembleias terem sido realizadas em períodos alternativos ou, quando em aula, majoritariamente no período diurno, colocando os discentes do noturno alheios às discussões realizadas, visto que uma maioria considerável dos mesmos exercem outras atividades ao longo do dia. Ao passo que, aqueles que encabeçaram o movimento (turno diurno) participaram ativamente e tiveram um crescimento cidadão exponencial.

No caso dos discentes do período noturno é notável o afastamento existente entre os mesmos e uma possível inserção no ensino superior, sobretudo gratuito. Associa-se isto ao histórico deste turno ser ocupado pela classe trabalhadora e não apenas por discentes que se dedicam exclusivamente aos estudos. No modo de produção capitalista todo o trabalho intelectual, incorporado pela lógica capitalista

tem a função de organizar o trabalho manual, e o trabalho manual apenas em executar determinadas funções. Essa divisão do trabalho, intensifica não só a desigualdade social como a estagnação das divisões de classe, pois para perpetuar o sistema é necessário a manutenção dessa divisão, tendo sempre os operários que alienados, vendem sua força de trabalho sem se dar conta do próprio serviço, e a classe burguesa que lucra com o serviço operário, fazendo com que a economia gire e o sistema capitalista perpetue (PIMENTEL, 2012).

O conceito de alienação usado na sociologia foi utilizado por Karl Marx, em sua teoria sobre a divisão do trabalho nas sociedades (MARX, 1985). A alienação aparece com essa separação do trabalho em manual e intelectual, e pode ser parcial ou total, dependendo do modo de produção. Enquanto o indivíduo ainda puder de alguma maneira se realizar do seu trabalho, a alienação será parcial, e segundo Marx a alienação total acontece especificamente no modo de produção capitalista, com a ascensão do trabalho industrial.

Quanto mais intensa for a força produtiva, maior será a alienação, pois com a execução de serviços distanciados do trabalho intelectual, o operário se perde do que está realizando e produz maior quantidade. Na situação da divisão de trabalhos, o trabalho não beneficia o homem e sim, o escraviza e o desumaniza, fazendo com que desenvolva apenas uma de suas habilidades: intelectual ou operária. Dessa forma, o operário não se reconhece nas atividades que realiza e não percebe a alienação, não reconhece a exploração ao qual é submetido.

As classes são alienadas propositalmente o objetivo de perpetuar o sistema capitalista, e toda tentativa de sair desse meio de alienação é reprimida e silenciada pelos meios de dominação, para que não tenha perigo de ser desvendada tal alienação e o sistema perder todo seu sentido. Como bem colocou Norbert Elias,

Os dois grupos, não diferiam quanto a sua classe social, nacionalidade, ascendência étnica ou racial, credo religioso ou nível de instrução. A principal diferença entre os dois grupos era exatamente esta: um deles era um grupo de antigos residentes, estabelecido naquela área havia duas ou três gerações, e o outro era composto de recém-chegados. A expressão sociológica desse fato era uma diferença acentuada na coesão dos dois grupos. Um era estreitamente integrado, o outro, não. É

provável que os diferenciais de coesão e integração, como uma faceta dos diferenciais de poder, não tenham recebido a atenção que merecem. (Elias e Scotson, 2000:24)

Sendo assim, nota-se uma facilidade no reconhecimento daqueles discentes que não estão inseridos nessa lógica capitalista enquanto trabalhadores, podendo tomá-los como mais conscientes segundo as questões sociais, enquanto aos inseridos restaria o sentimento de aleatoriedade às questões, mesmo com a concordância perante a causa. Aos mesmos não é apresentada a mesma perspectiva de ingresso no ensino superior, fortalecendo a ordem econômica de alienação do trabalhador manual e mantendo-os afastados tanto do produto de seu trabalho quanto das oportunidades de desenvolvimento intelectual. O pibidiano no ambiente escolar, neste caso, tem papel a diminuir essa distância, trazendo aproximação com tal possibilidade e promovendo uma ponte entre a comunidade escolar periférica e a universidade. Seja pela proximidade dos próprios licenciandos com o meio acadêmico, seja pelo papel de mediadores que exercem, visto que mesmo inseridos na escola ainda permanecem enquanto universitários. Porém, convém notar que aqui a alienação se aplica, indicando que nem os que se acham na posição de estabelecidos (leia-se, contrários à ocupação) estão de fato em uma posição de poder vantajosa por estarem na escola ou na esfera educacional há muito tempo. Ainda pertencem à mesma classe, sua renda pouco diverge dos demais colegas. São semelhantes em diversas categorias de análise social, mas ainda assim, se postam a favor do sistema que os oprime.



## REFERÊNCIAS

BARRETO, A. S.. Entre a política e a cultura: associativismo imigrante em Portugal. In: MALAMUD, A.; FLÓREZ, F. C. Migrações, coesão social e governação. Perspectivas Euro-Latino-Americanas. Lisboa: ICS- Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

BRASIL. Projeto de lei 55/2016. 2016a. Disponível em: < <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/124948>> . Acesso em: 08/12/2016.

BRASIL. Medida Provisória nº 746. 2016b. Disponível em: < <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>> . Acesso em: 08/12/2016.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, C. A. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARX, K. O Capital: Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PIMENTEL, M. C. Relação entre “Questão Social” e Alienação na Sociedade Capitalista. In: IV Jornada Internacional de Política Públicas, 2012.

SILVA, F. O. Ensaio sobre o trabalho de campo restrito. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar , n.18, mai./ago., Maringá, 2009.

VELHO, G. Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WIRTH, L. [1938]. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

## ANEXOS

### Anexo a: Texto da desocupação na EEPSJ

#### NOTA DE ESCLARECIMENTO

Durante 18 dias, resistimos. Resistimos contra diversas provações que nunca antes havíamos vivenciado. Enfrentamos mentiras, calúnias, difamação, negatividade, repressão e inúmeras outras ações vindas de vários lados.

Mas que lados são esses? Eles têm nome? Sim, e fizeram isso de forma escancarada. A mídia, manipuladora, vendeu nossa imagem à comunidade como se fôssemos vândalos, desocupados cujo único intuito era propagar a desordem.

Determinadas autoridades, por sua vez, agiram de forma similar do que em tempos passados, reprimindo a funcionalidade do movimento. Alegaram que processaria e incriminaria os apoiadores e, também, os próprios professores que participassem da ocupação dando aulas, por exemplo.

Nossos pais, amigos e familiares foram amedrontados e ficaram com receio de nos deixar, e deles próprios, participar do movimento. Eles não dormiam em paz ao saber que havia muitas conspirações contra nós.

Porém, não existem apenas esses dois lados, o da mídia e o das autoridades. Há ainda o principal, o nosso. Durante todo esse tempo que aqui permanecemos, compreendemos que a luta é diária e que existem várias formas de se lutar pelo o que acreditamos.

E de uma vez por todas, nós não invadimos esse espaço. A escola é nossa por direito. E enquanto aqui permanecemos, cuidamos dela como se fosse nossa casa, o que de fato foi. Todos os dias, nós lavamos as louças, os banheiros, as salas, os corredores e o pátio.

Aqui dentro, estudamos ainda mais do que em dias normais. Discutimos, refletimos e debatemos sobre a nossa sociedade. Percebemos que muitas das coisas não são como parecem e que, se nos unirmos, muitas barreiras podem ser transcendidas.

E é justamente por isso que decidimos desocupar. Não é justo o que estão fazendo com os nossos pais, amigos, apoiadores e professores. Não é correto amedrontar a comunidade e nos colocar em constante estado de pressão.

Ao contrário do governo, não somos covardes e não tomamos decisões olhando apenas para o nosso próprio umbigo. Essa causa é de todos, assim como a escola. E é por isso que vamos, daqui pra frente, lutarmos juntos, lado a lado e de mãos dadas.

Que fique claro, não estamos saindo por causa das ações do Ministério Público, pois não as reconhecemos e temos coragem suficiente para resistirmos. Estamos saindo porque percebemos que é hora de darmos o próximo passo.

E para isso, convidamos toda a comunidade escolar a se juntar a nós na continuidade dessa luta. É hora de mostrar para o governo que não vamos aceitar calados tudo isso. Não vamos tolerar essas medidas.

Dessa forma, o comando dessa ocupação informa que, a partir dessa segunda-feira, dia 07 de novembro, as aulas e atividades da Escola Estadual do Parque São Jorge retornam a sua normalidade.

Por fim, gostaríamos de convidar toda a comunidade para juntos realizarmos um último ato. Ainda permaneceremos na escola até às 7h dessa segunda, e nesse horário, antes da abertura dos portões, convidamos a todos para darmos um grande abraço ao redor da nossa escola.

Com essa ação, pretendemos deixar um marco em nossa história, simbolizando que, acima de tudo, o espírito de união e companheirismo deve sempre nos guiar em nossas decisões.

Agradecemos imensamente a participação e apoio que recebemos de todos, sejam eles pais, amigos, apoiadores e professores. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Atenciosamente,

Comando do Ocupa Parque São Jorge